

**O DISPOSITIVO DE RACIALIDADE NO VIDEOCLÍPE *PRETOS GANHANDO*
*DINHEIRO INCOMODA DEMAIS, DO RAPPER CRIOLO***

THE RACIALITY DEVICE IN THE MUSIC VIDEO *PRETOS GANHANDO*
DINHEIRO INCOMODA DEMAIS, BY THE RAPPER CRIOLO

Alexandre Almeida¹

Universidade Estadual de Goiás

Luana Alves Luterman²

Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Esta pesquisa objetiva desenvolver uma análise discursiva de enunciados verbo-visuais presentes na letra da música e videoclipe de *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais* (Criolo, 2023). A descrição e a análise desse corpus de pesquisa serão acionadas de acordo com a metodologia arqueogenealógica de Michel Foucault (2010, 2020, 2023), por meio da Análise do Discurso. Também trabalharemos com o conceito de gênero do discurso, de Bakhtin (2003), o conceito de dispositivo de racialidade, de Sueli Carneiro (2023), e algumas contribuições sobre racismo e cultura de Franz Fanon (2018). Para a análise das imagens, mobilizaremos os conceitos discurso e imagem das pesquisas de Jean-Jacques Courtine (2011) e de Nilton Milanez (2013). Ao término, percebemos que a análise do material linguístico e semiológico nos permitiu ver e pensar a articulação do dispositivo de racialidade. A análise dos enunciados revelou o modo com que mecanismos como o biopoder e o dispositivo de racialidade funcionam, tendo estes por finalidade manter a dominação sobre o sujeito negro, produzindo e fazendo circular saberes que influenciam na construção das subjetividades negras.

Palavras-chave: Análise do discurso; dispositivo de racialidade; Criolo; rap; videoclipe.

Abstract: This research aims to develop a discursive analysis of verbo-visual statements present in the lyrics and music video of "Blacks Making Money Is Too Disturbing" (Criolo, 2023). The description and analysis of this research corpus will be conducted according to Michel Foucault's archaeo-genealogical methodology (2010, 2020, 2023), through Discourse Analysis. We will also work with Bakhtin's (2003) concept of discourse genre, Sueli Carneiro's

¹Aluno regular de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Aluno regular do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas - UFMS. E-mail: almeida_mds@hotmail.com.

² Doutora (2014) e Mestre (2009) pelo PPG em Letras e Linguística da FL/UEG. Especialista em Formação de Professores de Língua Portuguesa pela UCG (2005). Graduada em Letras pela UCG (2004). Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Professora efetiva da UEG. E-mail: luana.luterman@ueg.br.

(2023) concept of raciality device, and some contributions on racism and culture from Franz Fanon (2018). For the analysis of images, we will mobilize the discourse and image concepts from the research of Jean-Jacques Courtine (2011) and Nilton Milanez (2013). At the end, we realized that the analysis of linguistic and semiological material allowed us to see and think about the articulation of the raciality device. The analysis of the utterances revealed the way in which mechanisms such as biopower and the raciality device operate, aiming to maintain domination over the black subject, producing and circulating knowledge that influences the construction of black subjectivities.

Keywords: Discourse analysis; raciality device; Criolo; rap; music video.

Submetido em 17 de maio de 2024.

Aprovado em 18 de maio 2024.

Introdução

O rap é um gênero musical que se inscreve como “tipo relativamente estável de enunciados, o qual denominamos gênero do discurso” (Bakhtin, 2003, p. 262); ou seja, o rap é também um gênero do discurso, pois representa um perfil identitário considerado infame, regularmente silenciado. A exclusão dos corpos colonizados, negros, é um acontecimento de longa data, condição previsível de produção enunciativa que possibilita regularidades discursivas, a exclusão dos corpos colonizados, negros. Apesar de ainda sofrer discriminação, por permitir a circulação de enunciados repletos de empoderamento e visibilidade negros, o gênero rap tem repercutido no mercado fonográfico nos últimos anos. Devido a essa ascensão, é perceptível que os artistas têm investido mais na produção, desde a gravação das músicas até a produção e divulgação dos videoclipes.

Esta pesquisa se propõe a analisar o videoclipe da música *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*, em busca de compreender como letra e imagens se entrelaçam – ou não – na convergência de uma mesma formação discursiva de denúncia aos mecanismos de opressão racista.

Neste sentido, este artigo descreverá e analisará o mecanismo discursivo do dispositivo de racialidade proposto por Sueli Carneiro (2023). Nesta perspectiva, entendemos a composição musical como denúncia da articulação desse dispositivo, que se faz presente no material linguístico a ser analisado. Aferiremos se no videoclipe há presença de enunciados que remetam a uma mesma formação discursiva: um dispositivo

de racialidade atuando por meio dos mecanismos do Estado na sociedade brasileira. Entendendo aqui o dispositivo de racialidade como mecanismo que por meio da raça produz saberes e poderes e controle da subjetividade.

Está atuação do Estado se dá por meio da governamentalidade (FOUCAULT, 2023), que é um exercício de poder na sociedade moderna, realizado nas práticas interventivas do Estado por um conjunto de instituições, constituído em ações que interferem diretamente na população e, portanto, regulam os indivíduos.

Entendemos nesta pesquisa o conceito de <raça> não em seu sentido biológico, mas em sua significação social de grupos étnicos na sociedade. Por sua vez, o <racismo> atua como sistema de poder exercido sobre determinados grupos, tendo a <raça> como marca discriminatória.

Após a divulgação de dados alarmantes sobre o perfil das vítimas de violência no Brasil, notamos que as mortes violentas têm alvo específico: mais de 90% das vítimas são meninos, cerca de 80% são negros. Assim, se faz necessário o estudo e compreensão dos mecanismos discursivos deste sistema opressor que produz mortes e, em larga escala, de pessoas negras.

Na seção de fundamentação teórica, este artigo apresenta a exposição dos pesquisadores que nos fornecem os conceitos que necessitamos para a análise. Na seção posterior, intitulada *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais: cenário e enredo*, compreenderemos as condições de produção da composição musical e do videoclipe. Nas seções *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais: denunciando o dispositivo de racialidade*, e *“O x da questão é que”: o incômodo com o modo de existir*, serão descritos e analisados os enunciados do corpus de pesquisa. Finalizaremos com apontamentos sobre a pesquisa na seção *Considerações finais*.

1 - Fundamentação teórica

Por meio da proposta de compreender a articulação do dispositivo de racialidade e a regularidade discursiva presente na letra e nas cenas do videoclipe de *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*, este artigo se apoiará na Análise do Discurso, tendo por base os pressupostos teóricos de Michel Foucault.

Mobilizaremos o método arqueogenealógico de Foucault para descrever e analisar o a composição musical e o videoclipe. O método arqueogenealógico busca estabelecer, em meio à dispersão dos enunciados, uma regularidade, remetendo ao

monumento, retorno à História, que fundamenta as narrativas do presente. Monumento, de acordo com Le Goff (1990), “tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)” (LE GOFF, 1990, p. 537). Assim, uma série enunciativa precisa ser descrita e analisada a partir do funcionamento dos saberes e dos poderes em condições sócio-históricas específicas, mas sempre em remissão ao passado, cotejando-o com outras regularidades enunciativas para a análise do acontecimento, de outras materialidades enunciativas concernentes ao funcionamento discursivo – neste caso, o racismo e a exclusão social.

Visto que a pauta racial é um dos temas discursivos presentes na letra e no videoclipe a serem analisados, assim, acionaremos, por meio da taxionomia de Sueli Carneiro (2023), o conceito por ela denominado como dispositivo de racialidade, que tem como fundamento o conceito de dispositivo de Foucault (2010).

Criolo é constituído como sujeito discursivo que tem sua posição marcada nos enunciados de *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*. De acordo com Foucault, esse sujeito

não é, na verdade causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase; não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso (FOUCAULT, 2020, p.115).

O rapper Criolo ocupa assim uma posição de sujeito discursivo, não sendo origem ou ponto de partida da crítica social presente em seu discurso; o artista é atravessado por diversos discursos, pela condição de possibilidade sócio-histórica e cultural no qual está inscrito. O efeito de autoria que se instala nas músicas interpretadas por Criolo emerge de suas performances, clivadas pela resistência ao racismo estrutural pulverizado nas reminiscências da História.

Descreveremos e analisaremos aqui os enunciados não apenas como composição musical em linguagem verbal, mas como função pela qual se tem acesso a posição do sujeito, pela perspectiva de que “se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados ‘enunciados’, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-lo ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que se pode ser assinalada a posição do sujeito” (FOUCAULT, 2020, p. 116).

Nesta pesquisa, a formação discursiva é entendida como um sistema enunciativo, sendo um conjunto de regras (FOUCAULT, 2020), convenções e práticas que estruturam a produção e circulação de discursos em uma determinada sociedade ou contexto histórico. Neste sentido, a formação discursiva se caracteriza como lei de coexistência com o enunciado. Assim, o sujeito discursivo sempre enuncia por meio de formações discursivas.

Tendo em vista a natureza sígnica das imagens, e com base em pesquisas desenvolvidas por Nilton Milanez, descreveremos e analisaremos as cenas – *frames* – do videoclipe como modos de enunciar, visto que “há um trabalho discursivo essencialmente com a língua que pode, certamente, ser deslocado para se pensar a imagem” (Milanez, 2013, p. 347).

Assim como Nilton Milanez tem feito em seus trabalhos, tomaremos para este artigo as noções de intericonicidade de Jean-Jacque Courtine, no sentido de que

A intericonicidade supõe considerar as relações entre imagens que produzem sentido: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, em Foucault; mas também imagens internas, que supõe a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo e talvez também os sonhos, as imagens vistas, esquecidas, ressurgidas ou fantasiadas que frequentam o imaginário (COURTINE, 2011, p. 160).

As imagens possuem uma historicidade, as imagens são discursivas. E é na correlação do discursivo entre os enunciados da letra e que enunciam as imagens do videoclipe que trabalharemos. O arquivo iconográfico é permeado de uma série de imagens replicadas, regulares em suas temáticas, em suas condições de possibilidade de existência, em suas regras de emergência. Não é qualquer imagem que pode e deve aparecer no videoclipe; há um sistema de restrições que permite a irrupção de um enunciado e não de outro em seu lugar. A seguir, perscrutaremos como funciona o jogo de relações discursivas que converge na materialidade enunciativa videoclipe.

2 - Pretos ganhando dinheiro incomoda demais: cenário e enredo

Inicialmente, precisaremos apresentar algumas informações e propiciar um horizonte sócio-histórico com o qual trabalharemos. Neste sentido, nesta seção, preconizaremos do gênero musical rap, entendido aqui também como gênero do

discurso (Bakhtin, 2003); abordaremos um pouco da trajetória do rapper Criolo e as condições de produção do videoclipe de *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*.

O rap é compreendido aqui como um dos elementos da cultura hip-hop. Ambos emergiram em meados de 1970, em bairros periféricos dos Estados Unidos, numa arena de lutas ideológicas pelos direitos civis dos negros (TEPERMAN, 2015). A cultura hip-hop ou movimento hip-hop refere-se, neste artigo, às expressões culturais que se constituem por meio de suas práticas, como grafite, batalhas de rimas, *slam*, e, dentre outras expressões, o rap. Como apontam as pesquisas de Ana Lúcia Silva Souza (2011), sobre hip-hop, uma das marcas dessa cultura é a “intimidade com que ela combina e recombina, sem hierarquizar, multiletramentos em produções que mesclam mídias orais, verbais, imagéticas, analógicas e digitais” (SOUZA, 2011, p.35). O rap, como parte integrante do hip-hop, tem por meio de suas produções esse conjunto de mídias presentes em suas obras, como é o caso do videoclipe que será analisado aqui.

A música *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais* é uma composição de Kleber Cavalcante, o Criolo. Além de cantor e compositor de rap, Criolo é também ator, cantor e compositor de samba. O artista já recebeu indicações ao Grammy Latino (2019) com a música *Boca de lobo* (2018), concorrendo na categoria de Melhor Vídeo Musical Curto. A composição musical em linguagem verbal é fortemente marcada pela denúncia social do racismo e pela crítica do cenário político brasileiro no período que se estende de 2013 a 2018. Criolo também concorreu ao Grammy de 2019 com *Etérea* (2018), na categoria de Melhor Canção em Português. A letra aborda a liberdade sexual e a importância de contestar o padrão de gênero e sexualidade binários, sendo também uma homenagem à população LGBTQIAP+.

A composição musical em linguagem verbal do videoclipe que vamos analisar é a segunda faixa do álbum *Sobre Viver* (Criolo, 2022), composto por 10 canções com diversas participações de artistas brasileiros, como Liniker, Milton Nascimento e diversos DJ's que atuam no rap nacional. Como consta do texto escrito pelo jornalista e produtor musical Marcus Preto na apresentação do álbum,

“Sobre viver” começou a ser esboçado há pouco mais de um ano e, por razões autoexplicativas, se chamaria “diário do kaos” (com k, de kleber). Era a reação de Criolo ao Brasil da pandemia e ao emaranhado de tristeza e ódio em que nos enrolamos, à nossa revelia, nesse período sórdido. O mesmo impulso já havia dado forma ao single “Cleane” (2021), dedicado à irmã de Criolo, Cleane Gomes, vítima fatal da covid-19 aos 39 anos (REVISTA CRIOLO #2, 2022, p. 9).

As músicas que compõem o álbum *Sobre Viver* (CRIOLO, 2022), inicialmente, não seriam representadas por meio de videoclipe. Foram identificadas apenas por uma cor com o respectivo código de classificação e batizadas por Criolo. *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais* – cor “verde grana” #286140, no álbum – foi a primeira música a receber um videoclipe. Isso merece destaque, visto que, por questões de coerência, todo o discurso evocado pelas imagens do videoclipe – material semiológico – mobiliza alguma relação com a composição musical de ordem verbal, material linguístico.

O videoclipe é um projeto fílmico produzido da parceria do artista Criolo com o grupo Soma+, tendo também por finalidade lançar a campanha “Árvore da riqueza”³. A fábula contada no videoclipe foi produzida pelos jovens alunos e as alunas do Soma+, um programa de inclusão e capacitação de jovens negros e indígenas periféricos. Foi lançado pela área de impacto da empresa de publicidade AKQA (MEIO&MENSAGEM, 2023).

A narrativa ocorre em uma favela – e mobilizamos aqui o termo <favela> para nos alinharmos ao mesmo termo linguístico referido nos enunciados da música. Entendemos a modalização lexical <favela> na composição musical em linguagem verbal como uma forma de exercício de poder em que os sujeitos nomeiam o território precário onde vivem, alinhando-se ao efeito de realidade convocado pela palavra cujos efeitos de sentido regularmente remetem-se à infâmia, desvencilhando-se e confrontando o discurso politicamente correto toda possibilidade lexical <comunidade>, frequentemente utilizada na mídia televisiva, como é caso que descreveremos e analisaremos de uma das imagens do vídeo clipe, em que se retrata um jornal fictício com a seguinte chamada: comunidade em alerta. Por que este enunciado, “favela”, e não outro em seu lugar, “comunidade”, no contexto de modalização lexical da composição musical *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*?

Na favela, uma criança negra manuseia um artefato ancestral da família para brincar, uma moeda. A criança então a planta na terra da pracinha em que brincava, e nasce uma árvore dourada que dá frutos de ouro. A árvore traz prosperidade para a população que ali vive, pois todos podem desfrutar de seus frutos de ouro. Isso atrai a

³ Árvore da Riqueza é um projeto de campanha que busca divulgar material de combate ao racismo e reafirmação racial. O projeto se dá via webapp Árvore da Riqueza, onde o público pode conhecer as raízes dos personagens retratados no videoclipe “Pretos ganhando dinheiro incomoda demais” e colher frutos reais, como o acesso a cursos gratuitos e descontos em livros de autoras negras.

cobiça de homens que parecem representar no videoclipe empresários e o capitalismo em si, e estes podam a árvore e levam seus frutos e galhos. A criança, triste por essa ocorrência, rega o que sobrou da árvore com suas lágrimas, e ela volta a crescer e produzir novamente. O governo então autoriza a remoção da árvore; a população da favela defende a árvore da prosperidade, não permitindo essa remoção. Essa é a narrativa que fornece áudio visualidades ao videoclipe.

O projeto *Árvore da riqueza* é uma campanha dos jovens do Soma+. A finalidade é a divulgação de mídia discursivamente relacionada à racialidade. Na alegoria da “árvore”, os frutos dourados da “Árvore da riqueza” representam cursos, livros, e até mesmo histórias de personagens do videoclipe, buscando sempre ressaltar a ancestralidade. Boa parte desse material foi disponibilizada de forma gratuita ou com algum desconto.

Ainda recuperando um pouco das condições de produção enunciativas de *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*, temos como informação de que a música foi lançada na mesma data do álbum do qual faz parte, *Sobre Viver*, lançado no dia 05 de maio de 2022. O videoclipe que descreveremos e analisaremos foi lançado em 07 de fevereiro de 2023. Refletindo sobre estes elementos, a nossa análise pretende perscrutar como funciona a regularidade discursiva em relação ao dispositivo de racialidade em torno da dispersão de enunciados relativos ao projeto musical *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*?

3 - *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*: o funcionamento discursivo do dispositivo de racialidade

Neste artigo, utilizaremos a simbologia dos sinais "maior que" e "menor que" (< >), também conhecidos na linguística como chevrons. Mobilizaremos enunciados por essa representação na tentativa de isolar enunciados para descrever e analisar suas possibilidades de existência e efeitos de sentido. Para iniciar nossa descrição e análise, traremos para leitura a composição musical em linguagem verbal:

Pretos ganhando dinheiro incomoda demais
(Criolo, 2022)

Ceis grita, plau plau
Arma de fogo, coisa letal
Vida de crime, viela, biqueira

Os vetim absorve, se envolve na teia
Morreu muito novo
Portava arma de fogo
Essa guerra não acaba
Essa guerra não acaba
E amanhã tudo de novo

(É) Bigode finin, cordão bem gordão
 Radinho na cinta, mochila a milhão
 Não pôde estudar, no corpo um valão
 Uma mãe que chora, o X da questão é que:
 Pretos ganhando dinheiro incomoda demais
 Sociedade que só respeita o que o bolso traz
 Querem me ver rastejar, ver meu povo se humilhar

Sou preto do gueto, mantenho o respeito
 Favela em primeiro lugar
 Então
 Sobe balão, só sobe balão
 Sobe balão, só sobe balão
 Deixa os brabo chegar, soldado da situação
 A tropa de arma na mão, mas real revolução
 Sei que um dia virá com arte e educação

No enunciado *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*, percebemos que se trata de um sujeito plural, <pretos ganhando dinheiro>, e que deveria então receber a concordância verbal <incomodam>, de acordo com a norma padrão. No entanto, a utilização do verbo <incomoda> pode também ser entendida como um reforço de que o incômodo do verbo não flexionado é metalinguístico, devido ao discurso ecolinguisticamente correto, que higieniza a língua em detrimento da norma coloquial, das variantes não padrão, representativas da linguagem operacionalizada por comunidades invisibilizadas, minoritarizadas : pretos que ganham dinheiro, <pretos em ascensão>. A ressignificação da taxionomia *pretos* propicia, conforme a própria condição de enunciabilidade chancelada pela comunidade que sofre racismo, uma valorização discursiva da cor da pele, regularmente rechaçada, em detrimento da categoria *negros*, expressão cuja ressonância pertence à esfera discursiva politicamente correta, elitista, que aciona a manutenção do racismo, ainda que velado, regrado por um sistema de restrições interacionais atravessado pelo discurso jurídico, panóptico cujo mecanismo funciona como vigilância e punição dos corpos desviantes quanto ao pseudo-respeito aos pretos.

Quanto ao título da música, em entrevista concedida ao Portal Géledes, Criolo afirma o seguinte:

Eu poderia dar outro nome para a canção, mas eu faço questão do título ser o bagulho central, para quando estiver numa rádio, na televisão, a pessoa falar o nome da música. Então, mesmo sem ouvir, o nome da música já abre o debate (CRIOLO, 2022).

Pretos ganhando dinheiro incomoda demais é um enunciado que revela um tom de denúncia a respeito da perspectiva da ascensão econômica de pessoas negras sob o crivo do sistema racista da sociedade brasileira. A gíria *bagulho* ressoa mais uma inscrição subjetiva na modalização lexical que representa um nó numa rede enunciativa, uma ressignificação novamente positiva da norma coloquial como padrão identitário da comunidade em situação de vulnerabilidade social, demonstrando que a resistência também constitui poder.

Para entender melhor esse sistema racista, recorreremos ao conceito de dispositivo de racialidade, de Sueli Carneiro (2023). O conceito de dispositivo de racialidade irrompe com base nas contribuições do pensamento de Foucault, em específico sobre biopoder e dispositivo. Compreendemos o biopoder (FOUCAULT, 1999) como mecanismo que se refere ao controle exercido sobre a vida e os corpos das pessoas por meio de instituições e práticas governamentais que buscam regular tanto os aspectos individuais quanto os coletivos da existência humana. Mobilizaremos então biopoder atrelado ao dispositivo de racialidade.

Ao explicar sobre o que vem a ser dispositivo, Foucault preconiza o seguinte:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2010, p.138).

O dispositivo, conforme Foucault, é um agrupamento específico que estrutura e organiza na sociedade fundamentos capazes de encaminhar como os saberes são produzidos, e como as relações de poder são exercidas. Em sua tese de doutorado, Sueli Carneiro postula que

a existência de um dispositivo de racialidade operando na sociedade brasileira de tal modo que, pela articulação de múltiplos elementos, configura a racialidade como um dispositivo que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades (CARNEIRO, 2023, p. 13).

No enunciado *Pretos ganhando dinheiro incomoda demais*, a modalização lexical <pretos> marca discursivamente a discriminação racial. A prosperidade do povo “preto” não é vista como algo legítimo e por isso incomoda, visto que essa progressão financeira se desloca das estruturas do sistema racista e da recorrência escravagista, (neo)colonial. O racismo como dispositivo de poder opera como estruturador das posições sociais (CARNEIRO, 2023), relegando à população negra lugares sociais economicamente inferiores nessa estrutura social.

Nos dois primeiros versos do rap, temos o seguinte: “Cês grita: Plau-plau/ Arma de fogo, coisa letal”. O termo utilizado, <plau-plau>, é uma gíria que circula no universo dos gamers brasileiros e que tem o sentido de <atirar> ou <matar>. Como parte de um dos enunciados verbais da música, há um enunciado com efeito homogeneizante, que firmaria uma aderência identitária considerada normal: <Cês> ou <vocês> gritam para matar/atirar. Cabe-nos aqui a pergunta: matar/atirar em quem? Veremos no decorrer dos enunciados que Criolo se refere a “alvos” negros.

Nos dois próximos versos, “Vida de crime, viela, biqueira/ Os vetim absorve, se envolve na teia”, descreve-se um trajeto da <vida de crime> por <vielas>, ruas e <biqueiras>, que é a gíria para um ponto de venda de drogas. Nessa descrição, os <vetim> – <pivetin>, “crianças” – são subjetivados por essa realidade e se envolvem na <teia>, como se a <teia> fosse uma armadilha difícil de se desvencilhar, um sistema social. É notório de que Criolo descreve a realidade das favelas, um sistema que pelo dispositivo de racialidade gera violência, miséria e conduz crianças e jovens para a violência.

Em uma das cenas iniciais do videoclipe, podemos visualizar o retrato dessa violência cotidiana. Segue a imagem referida do *frame* no *print* abaixo:



Figura 1: reportagem do jornal fictício *Plantão Alerta*

Recuperando aqui algumas cenas anteriores, o videoclipe inicia-se apenas com a execução instrumental da música. Mostra o interior de uma casa. Nela, há três mulheres negras moradoras: uma senhora idosa, uma mulher mais nova que a senhora idosa e uma criança com idade que aparenta ter idade entre 6 e 8 anos. As mulheres nesta cena representam três gerações da família: avó, mãe e filha. Na sala da casa, a televisão exibe uma reportagem: “Comunidade em alerta: nova ação da polícia preocupa moradores”. Um helicóptero policial sobrevoa a comunidade. Essas mulheres revelam uma expressão do rosto que se inscreve na História das fisiognomias e das sensibilidades por meio de olhares apreensivos e ansiosos, demonstrando medo e preocupação. A televisão é desligada pela criança. A música do videoclipe começa a ser tocada. Ela se inicia quando a cena sai do

contexto midiático e se desvia para realidade daquela família. O gesto da mãe da criança em desligar a televisão pode ser entendido como um tipo de proteção à criança na sala, mas um gesto incapaz de protegê-la contra a realidade fora da sua casa.

“Morreu muito novo/ Portava arma de fogo/ Essa guerra não acaba, essa guerra não acaba/ E amanhã tudo de novo” são fragmentos dos versos da composição musical de *Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais*. Criolo descreve aqui cenas do cotidiano das favelas, sem eufemismo ou glamour, o que podemos entender também como forma de mostrar que <favela> é diferente da <comunidade>, mobilização lexical esta muitas vezes exposta com uma filiação de negação das condições precárias das comunidades minoritizadas, mascarando o pathos e visibilizando territórios marginalizados socialmente por meio do discurso politicamente correto, pseudo-inclusivo, explorado pela glamourização turística, por exemplo.

A necropolítica atravessa as favelas: jovens que morrem cedo, muitas vezes devido a crimes como o tráfico de drogas. Criolo traduz o cenário como uma guerra que não acaba. Nos versos seguintes: “bigode finin”, cordão bem gordão/ Radinho na cinta, mochila a milhão”, Criolo descreve a composição indumentária e facial do jovem negro, de “bigode fininho” e cordão/colar grosso, celular na cintura, sendo esse um estilo de se vestir desses jovens, estereotipados como bandidos, cuja ordem gestual é da periculosidade.

Nos versos “Não pôde estudar, no corpo um valão/ Uma mãe que chora, o X da questão é que”, o sujeito descrito foi privado de estudar. Isso, segundo o funcionamento do dispositivo de racialidade, produz condições em que se reitera a exclusão de determinado grupo da população em relação ao acesso a bens básicos como saúde e educação.

“No corpo um valão” é uma construção metafórica, visto que um <valão> – canal feito para escoar água e/ou esgoto – não ocuparia um <corpo>. A construção contrária na ordem dos itens lexicais é mais comum nos noticiários policiais, em que o valão aparece como um repositório dos corpos de pessoas assassinadas, temos então manchetes como: “corpo achado em valão” / “homem encontrado morto em valão”. Assim, a construção metafórica do verso possibilita, por meio do deslize de sentidos, a produção do sentido de que o corpo deste jovem negro descrito por Criolo é um corpo marcado pelo signo da morte (Carneiro, 2023), e sob a perspectiva do dispositivo de racialidade combinado à noção de biopoder de Foucault, temos que

O “deixar morrer” se realiza, nesse caso, pelo abandono dos jovens negros na guerra do tráfico de drogas, na qual comparecem como soldados destinados a morrer e matar,

confirmando a afirmação de Foucault de que “o direito de vida e de morte só exerce de uma forma desequilibrada, e sempre do lado da morte” (CARNEIRO, 2023, p. 83).

Os jovens negros dos quais fala Criolo, carregam “no corpo um valão”, são corpos marcados pelo signo da morte. Essa marcação/destino se dá pelo fato deste grupo da população estar privado assistência básica do Estado. Entregues as guerras do tráfico, e do próprio Estado, são corpos deixados para morrer.

Dados publicados em julho de 2023 pelo Fórum de Segurança Pública do Brasil (FBSP, 2023) no Anuário Brasileiro de Segurança Pública - 2023⁴ revelam que o Brasil registrou, em 2022, 47.508 mortes violentas em abordagens policiais, e, dentre esse número, 83% das vítimas são negros. Dados como esses reafirmam tanto a denúncia presente na letra de Criolo quanto nos permitem observar o dispositivo de racialidade em funcionamento.

Nesses primeiros versos e nas primeiras cenas do videoclipe, é regular a denúncia a esse sistema que oprime a população negra por meio do dispositivo de racialidade, e este dispositivo não opera de forma autônoma, mas em conjunto com o biopoder. Por meio do dispositivo de racialidade corpos são classificados e organizados em grupos de raça, permitindo não apenas uma separação e tratamento social diferente a raça negra, mas o controle sobre a subjetividade dessa raça, e modos de existir. Já o biopoder, promove a vida considerada nesse sistema como superior, a raça branca, e deixa morrer a raça considerada inferior, a raça negra.

Há denúncia na letra de Criolo sobre a vida na favela, quando se descreve jovens negros que não puderam estudar devido aos mecanismos de governamentalidade, que é um modo de exercício do poder para além do uso da força e coerção, esse mecanismo se faz por meio de discursos, instituições e práticas (FOUCAULT, 2023), permitindo ao governo o controle da população. Os corpos negros são marcados pela morte, de acordo com as estatísticas. A necropolítica, que atua em relação ao deixar morrer, não está direcionada apenas a uma população economicamente carente; para além dessa marca social, há um direcionamento racial para a população negra.

⁴ Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> > Acesso em 27 de Outubro de 2023.

4 - “O x da questão é que”: o incômodo com o modo de existir

Essa primeira análise teve como intuito nos situar em relação ao dispositivo de racialidade e como este se mostra no videoclipe. Nos deteremos aqui em descrever e analisar um pouco mais as imagens presentes no videoclipe. Para tanto, temos a noção de que “analisar imagens consiste assim em identificar seus indícios, por que as representações perdem seu sentido fora da genealogia dos traços que as atravessam e as constituem.” (COURTINE, 2011, 161). Perceberemos alguns desses pontos de grande importância para nossa análise.

Retomamos então o enredo da fábula presente no videoclipe, em que uma criança negra apodera-se de um artefato ancestral de sua família e planta-o, originando a “árvore da prosperidade”. Este artefato é uma moeda:



Figura 2: O símbolo da moeda



Figura 3: O ano da moeda

As imagens acima são *prints* do momento em que a avó da criança lança a moeda para cima, uma espécie de “cara ou coroa”. Essa moeda tem em um dos lados um símbolo, e, do outro, um ano, 1835. O ano indicado faz referência ao ano da Revolta dos Malês, ato de resistência realizado por negros escravizados contra o Império brasileiro, em Salvador – BA. Dentre os objetivos, havia a busca pela liberdade religiosa – sendo o Islã a principal religião defendida – e o fim da escravidão. A Revolta dos Malês é ainda hoje, dentro dos atos de resistência do povo negro, um dos grandes expoentes dentre os feitos que moldam a identidade negra brasileira (LOPES, 2011).

Temos então na <moeda> a evocação de uma memória discursiva, de modo que “não há imagem que não faça ressurgir em nós outras imagens” (COURTINE, 2011, p.160). Assim, seguindo o pensamento de Courtine (2009), o conceitode memória discursiva refere-se à presença histórica enunciados dentro de práticas discursivas que são governadas por dispositivos ideológicos. A reconstrução dessa memória é uma produção de acontecimento

que não está fixada ao passado do objeto apenas (MILANEZ, 2013). Neste sentido, a partir da intericonicidade, a <moeda> tem em si uma historicidade discursiva, aponta no presente um valor simbólico de ancestralidade e resistência para a família do videoclipe, e também para a identidade negra brasileira.

É preciso observar a perspectiva das imagens destacadas nas Figuras 2 e 3. A perspectiva é contra plongée, enquadramento que centraliza, em primeiro plano, a moeda, oprimindo a avó e a criança, que emergem nas periferias do frame capturado via videoclipe. O protagonismo da moeda demonstra o valor simbólico do capital em detrimento dos seres humanos, em especial os que sofrem racismo e possuem pele de cor negra.

Nas cenas seguintes, antes de plantar a moeda, a criança tenta comprar doces no mercado com o artefato. O dono do mercado – interpretado por Criolo – se recusa a vender o produto, pois a moeda não tem valor no sistema monetário vigente, como vemos na Figura 4.



Figura 4: tentativa de compra com a moeda



Figura 5: rega e cuidado com a planta dourada

Essa recusa pela moeda também é simbólica, pois possibilita o efeito de sentido de que os bens ancestrais da cultura negra portados por essa criança não possuem valor algum no sistema racista em que está inserida. A este respeito, de bens culturais, Franz Fanon (2018) enfatiza que é uma estratégia do racismo a desvalorização da cultura subjugada como inferior propõe que procuremos na cultura as consequências desse racismo. Em outras palavras, é um dos elementos do racismo a opressão sistematizada, operando na “destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados.” (FANON, 2018, p. 80). Consequentemente, essa opressão impossibilita ao sujeito negro a construção de uma identidade negra pautada em um orgulho racial advindo dos bens presentes na cultura de seu povo.

A “sociedade que só respeita o que o bolso traz”, dos versos de Criolo, possui seus valores definidos, de modo que, mesmo quando há ascensão econômica do negro, isso é

<desrespeitado>, considerado como ilegítimo, pois não se trata apenas de valores ou posições econômicos, mas também de valores culturais aceitos.

Assim, nessa perspectiva, o racismo opera na cultura, levando o sujeito preto oprimido, na construção de sua identidade, a negar os bens culturais que possui e se clivar aos valores impostos, como religião, linguagem, modos de vestir e se relacionar (FANON, 2018). O dispositivo de racialidade homogênea e controla assim a valorização e produção dos saberes a se exercer como poder sobre a população preta, de modo que é constituído um saber que

é imposto ao imaginário social pela cultura dominante através da exibição permanente de seus símbolos, que expressam os seus sucessos materiais e simbólicos como demonstração de superioridade “natural”, cotejados sistematicamente com símbolos de estigmatização da negritude (Carneiro, 2023, p. 54).

Assim, podemos perceber o controle da subjetividade na tentativa de apagamento da memória cultural do povo negro, e tentativa de se impor outros modos culturais e da branquitude como padrão a ser alcançado. No videoclipe, a árvore representa o reencontro do povo negro com a ancestralidade. Essa ancestralidade não significa aquilo que é velho ou antigo, ela pode ser entendida como valores culturais, saberes. Deste modo, o cultivar da árvore da prosperidade por parte da população da favela representa o cultivo dos valores da cultura negra e a constituição de uma identidade negra por meio de um orgulho racial. Todos ali naquele espaço colhem e se saciam dos frutos da árvore. Conseqüentemente, o ataque à árvore representa um ataque à cultura e à identidade coletiva desse povo, um ataque aos saberes.



Figura 6: Prosperidade e orgulho racial



Figura 7: Plano de remoção da árvore da prosperidade



Figura 8: Empresários destruindo a árvore



Figura 9: A árvore com galhos e troncos arrancados

Na figura 7, vemos a reportagem em que as <autoridades> planejam remover a árvore. Antes dessa remoção, homens brancos de terno e maletas – Figura 8 – depredam a árvore da riqueza, levando galhos, folhas e frutos. Simbolicamente, esses homens representam o capitalismo, o neoliberalismo e sua face predatória, que invisibiliza o protagonismo negro e a possibilidade de ascensão social por meio recrudescimento financeiro.

Por “<autoridades> que planejam a remoção da árvore da riqueza”, entendemos aqui o Estado e a elite na prática da governamentalidade, conceito este que representa conjunto de poderes constituído pelas instituições, em seus procedimentos de execução do poder pelo Estado, tendo por alvo a população e tendo dentre alguns de seus instrumentos os dispositivos de controle, em especial o dispositivo de segurança (FOUCAULT, 2023).

Deste modo, a “segurança é uma certa maneira de acrescentar, de fazer funcionar, além dos mecanismos propriamente de segurança, as velhas estruturas da lei e da disciplina.” (FOUCAULT, 2023, p. 15). Manter a “lei e disciplina” significa, aqui, por meio da remoção da árvore, conter essa <ascensão> social e identitária desta parte da população; significa repressão aos saberes ancestrais cultivados pela e entorno da árvore da riqueza. Essa análise permite-nos compreender na letra da música os enunciados: “Querem me ver rastejar, ver meu povo se humilhar”. Assim, a governamentalidade também tem como instrumento o dispositivo de racialidade, pois a mobilidade socioeconômica brasileira tem correlação com raça, que sofre grande influência de invisibilidade e inacessibilidade a direitos humanos básicos em relação às práticas excludentes do Estado.

Prosseguindo com a análise do videoclipe, uma das cenas que aqui destacamos é do momento em que após a árvore ser vandalizada – figura 9 – a criança chora, e as lágrimas tocam as raízes da árvore. A criança é então transportada para uma espécie de plano

astral/espiritual, com pessoas vestidas em trajes que remetem a uma estética afrofuturista⁵ – Figura 10. Temos aqui as <raízes> simbolizando também a ancestralidade de forma mais profunda. De algum modo, após retornar ao plano material/físico, os ancestrais que estavam com a criança voltam também – Figura 11.



Figura 10: a criança encontra seus ancestrais



Figura 11: ancestrais presentes na manifestação

Após esse retorno da criança, com sua ancestralidade, a população manifesta-se em defesa da árvore da prosperidade. Neste ato de resistência, consegue barrar a ordem de remoção da árvore. Assim, a árvore se recupera e volta a produzir frutos. Nas cenas finais do videoclipe, é possível perceber que foram cultivadas outras árvores das prosperidades em outras favelas, como vemos nas figuras 12 e 13.



Figura 12: a árvore à beira-mar



Figura 13: árvore em outro ponto

No videoclipe de *Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais*, a <criança> simboliza a esperança de uma geração, representa a construção da identidade de pessoas negras numa perspectiva afrocentrada, com valores e saberes relacionados à cultura negra. Sobre essa identidade negra, Fanon (2018, p.79) aponta para o fato de que o “objeto do racismo já não é o homem particular, mas uma certa forma de existir.”. Essa forma de existir do sujeito negro é conduzida e controlada no sistema racista, em que a existência do corpo

⁵ Afrofuturismo: Um movimento cultural, estético e político que celebra a identidade negra e utiliza elementos de ficção científica e fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, enfocando a superação da opressão racial em um futuro grandioso com tecnologia avançada.

negro deve ser pautada por determinadas condutas, utilizadas e docilizadas pela neocolonização, pela precariedade laboral, tanto em relação às condições empregatícias subumanas quanto aos salários irrisórios – isso quando há remuneração, pois regularmente são visibilizadas irregularidades trabalhistas devido a situações empregatícias análogas à ordem da escravidão, especialmente de sujeitos cuja cor da pele é negra. Os saberes sobre o sujeito negro são também controlados de forma a manter a dominação por mecanismo como o biopoder e o dispositivo de racialidade. No final da composição musical semiologicamente analisada, o sujeito Criolo aponta para uma possível superação do sistema descrito na canção: “real revolução/Sei que um dia virá com arte e educação”.

Considerações finais

A análise do videoclipe de *Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais* nos mostra que há uma regularidade discursiva entre a composição musical em linguagem verbal e cenas do videoclipe. Ambos, material linguístico e semiológico, foram descritos e analisados por meio do dispositivo de racialidade proposto por Sueli Carneiro (2023).

Ressaltamos que as imagens do videoclipe tiveram como inspiração a composição musical em linguagem verbal, isso visto que a letra da música é constituída discursivamente anteriormente do videoclipe. Deste modo, percebemos nas cenas enunciações cujas formações discursivas de denúncia do dispositivo de racialidade em funcionamento, se filiam à letra da música. Como se espera do gênero videoclipe, as cenas e narrativa se ligam ao discurso que emerge na letra do rap de Criolo. Tivemos também um elemento agregador por meio da fábula, que é a exploração no enredo de valores culturais e históricos, o que não é notado na letra da música.

No videoclipe, a metáfora da árvore da prosperidade e todo seu enredo foram fundamentais para exemplificar a dinâmica do dispositivo de racialidade, que se mostra inscrito em forma de denúncia na formação discursiva do título da música, e enunciados presentes na letra. *Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais* é uma música que denuncia o exercício do racismo do Estado por meio do biopoder e do dispositivo de racialidade que atuam conjuntamente na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCAR, 2009, p. 104-106.

COURTINE, Jean-Jacques. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: PIOVEZANI, Carlos (Org.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Editora ClaraLuz, 2011.

CRIOLO. **Pretos Ganhando dinheiro incomoda demais**. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=fHzhk_lah18>

FANON, Franz. Racismo e cultura. In: **Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris**, em setembro de 1956. Publicado no número especial de *Présence Africaine*, de junho/novembro de 1956. *Convergência Crítica*, UFF, n. 13. 2018. p. 78-90.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em < <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> > Acesso em 27 de Outubro de 2023.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos). p.285-315.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 28. ed. São Paulo: Graal, 2010. p. 137 - 163.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2023.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MEIO&MENSAGEM. **Alunos do Soma+, do AKQA, criam clipe do Criolo**. Meio&Mensagem, 2023. Disponível em : < <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/alunos-do-soma-do-akqa-criam-clipe-do-criolo> >. Acesso em 16 de maio de 2024.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. In: **Acta Scientiarum**: Language and Culture, Maringá, v. 35, n. 4, p. 345-355, Out-Dez., 2013.

PORTAL GÉLEDES. Criolo evidencia a prosperidade negra em clipe de “Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais”. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/criolo-evidencia-a->

[prosperidade-negra-em-clipe-de-pretos-ganhando-dinheiro-incomoda-demais/](#) > acesso em 13 de outubro de 2023.

REVISTA CRIOLO #2. **Apresentação.** Disponível em < https://criolo-sobreviver.s3.sa-east-1.amazonaws.com/Revista_Criolo_2.pdf > acesso em 13 de outubro de 2023.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: hip-hop. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som:** as transformações do rap no Brasil. 1ª Ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

UNICEF BRASIL. **Nos últimos 5 anos, 35 mil crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta no Brasil, alertam UNICEF e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.** Disponível em < <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil> > Acesso em 29 de outubro de 2023.